

AMAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, Dr. David d'Oliveira

N.º 39 do 1.º Ano

Redacção e Administração, R. Francisco Aires, 4

Guimarães, 8 de Setembro de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - PAPE

RIDENDO...

D. Paiva I, o Couceiro, ex-regente da fardada trágica que foi a Transilítania, faz-se agora para jornalista.

Ao hominho, em vés de preparar incursões já muito estafadas e desacreditadas deu-lhe para fazer floguados e massar a paciência de thógrafos e revisores. Cada... um com a sua noia.

No «Equus» é onde mostra as suas habilidades jornalísticas, mas com a mestriíssima dose de infelicidade com que tem tentado restaurar a monarquia.

E' azarento e não ha remedio.

Confessa D. Paiva que em Portugal se tem realizado desde 1920 diversos Congressos, «verdadeiro caminho da reconstituição nacional». Ora, esses Congressos tem quasi todos sido realizados com a presença de ministros da Republica. O Governo da Republica tem-lhes prestado auxilio e apoio moral.

Logo, D. Paiva I, o Couceiro, está a elogiá uma obra a que a Republica empresta o seu esforço.

Logo confessa que a Republica sempre faz alguma coisa.

Logo a Republica não é coisa tão má como ele a pinta, e é Ela que está trabalhando para a obra de reconstituição nacional.

Ma, D. Paiva I, o Couceiro, volta o bico ao prego, e passa a dizer mal da Republica.

Então a Republica é má por fazer e auxiliar coisas boas?

Eu sei o que quer D. Paiva I.

Que a Republica só faça asneiras, para justificar as d'ele.

Diz o ex-regente que qualquer inimigo externo em periodo de anti-guerra trataria de, entre outras coisas que ele diz, promover o descrédito Nacional, a ruina das Finanças, a depreciação da moeda, etc.

Mas então temos de tratar como estrangeiro o D. Paiva, porque a obra dele só tem sido isso.

Quem principiou a armar soldados no estrangeiro contra a sua Pátria?

Quem andou pelo estrangeiro a pedir o auxilio das Côrtes Europeias para derrubar o Regimen?

Quem fez a propaganda no sentido de emigrarem os de cá para os nacionais?

Quem fez as incursões?

Quem depreciou a moeda no Porto, cometendo a vigerice da sobrecarga nas notas em plena Transilítania?

Foi D. Paiva I e seus sequazes.

Faz lembrar aquela frase: «Chama-lho, chama-lho, antes que t'o chamem».

O artigo ainda continua.

Tambem nós continuaremos, e tenha D. Paiva I a certeza de que cá estaremos na brecha, e que jámais lhe seguiremos o exemplo, de ter cebo preparado para chegarmos ás botas.

Setembro de 1923.

Lêdecê.

Civismo

A ignobil especulação politica em que certa imprensa se lançou a quando da eleição de Teixeira Gomes para a suprema magistratura da nação, se não fôra a consequencia logica da desorientação que empolgou as nossas ilites politicas, podia ser tomada como agudo sintoma desta falta de civismo, a que tantas referencias se tem feito, e que é de facto o pior cancro, o maior dos males, para aqueles povos que na politica enveredam pelo campo da Democracia.

Digam o que disserem, façam o que quizerem, o que é facto é que enquanto entre nós se não olhar a sério para a educação civica, enquanto não tratarmos de criar o homem consciente, o individuo com a plena compreensão dos seus direitos e dos seus deveres, não acabaremos com esses desregramentos, vá lá o termo mais brando, depauperantes de que provem esses choques violentos de opinião, esta como que rivalidade entre o estado e o cidadão.

E, para que isso se consiga, necessario é que de vix acabemos com os péssimos degradantes exemplos de facciosismo aviltante, que nada poupa, nem a honra alheia, nem a dignidade do proprio Estado, quando se trata de combater contrarios em crenças ou opiniões.

Necessario se torna que a imprensa, que se arroja a função de missionaria da civilização, se não torne eco daqueles que, sobrepondo a sua opinião ou simples e momentaneas aspirações ao bem estar colectivo, de todos os meios se servem para fazer vingar os seus propositos.

A continuarmos assim, neste estadear de baixos intuitos politicos e com uma imprensa que em nada contribue, antes pelo contrario, para o saneamento moral, civico e politico de que carecemos, facilmente perderemos o pé neste atoleiro, onde nos levaram os vicios e os erros de uma educação que, egoista como o meio que a gerou, só criou rãs com pretensões a bois.

AUSENCIA

Ha já trez dias que não vens. Decerto imaginas o mal que me tens feito; e cré, se me resolvo a vir dizer-l'o, é porque já não cabe no meu peito!

Isto afinal o que é? Vaidade? Geito? Fraqueza? Nem eu sei... Ao ver-te perto, sinto o meu coração tão satisfeito que do jugo encantado o não liberto!

Não vens! Mas sabe Deus se essa loucura Não recae sobre ti em amargura!

—Tu não consegues iludir-me assim!

Pois que pode importar-me essa apparencia, se afinal só me prova a tua ausencia que continuas a pensar em mim?!

Virginia Victorino.

De livro «Apaiçoadamente».

O Sr. Administrador

O Sr. Administrador está a fazer uma triste figura.

Comete tropelias sobre tropelias, não tem vontade própria e vai para a Repartição ás 14 horas, e mais tarde ainda, abusando da paciência daqueles que por S. Ex.º esperam.

E' o chefe monárquico duma Repartição onde todos os empregados são republicanos e, como tal (douta maneira não se comprehende) procura amesquinhar estes, chegando mesmo a fazê-lo deante daqueles.

Ouvi agora, senhores, una história de pasmar:

Ha dias, apresentou-se na administração do concelho um enviado de dois trauliteiros — um ex-coronel e seu filho, ex-tenente desertor da guerra, arvorado em capitão durante os célebres 25 dias.

Foi recebido pelo sr. administrador com todas as deferencias.

Por certo, S. Ex.º lembrou-se da declaração, de fiel acatamento á monarquia, que fez no inicio da traulitânia... abençoado reino.

O dito delegado pediu-lhe (ou ordenou-lhe em nome da santa causa) que lhe passasse licenças de uso e porte de armas para o ex-coronel e filho.

S. Ex.º anuiu imediatamente (sem os célebres vistos) e mandou-o aos amanuenses para lhas passar.

Os amanuenses tinham ainda cerca de 30 licenças para passar em primeiro logar e de republicanos.

Disseram ao porta-voz dos trauliteiros que viesse depois.

O dito foi queixar-se ao papá, isto é, ao sr. administrador.

S. Ex.º, furibundo omnipotente, ordenou que se passassem imediatamente as licenças, com prejuizo de todos os que estavam em primeiro logar.

Logar aos monárquicos em nome da defeza da Republica.

E' assim que o administrador do concelho de Guimarães faz a defeza da Republica.

Concede licenças de uso e porte de armas a monárquicos e, o que é peor ainda, a desertores.

Obriga os republicanos a ir ao beija-mão dos sóbas e curva-se em salamaques deante dos monárquicos.

Nós, os republicanos, que nunca passamos atesados de adesão á monarquia, não podemos deixar passar estes factos sem o nosso protesto.

Senhor Administrador: Está a fazer uma triste figura.

Abandone a Administração, arranje a ser regedor em S. Miguel.

Talvez faça melhor figura.

Karl.

O Ex.^{mo} Snr. Ministro do Comércio

Visita e encerra solenemente a Exposição Industrial e Agrícola Concelhia

Na Câmara -- Na Exposição -- No edifício dos Correios -- O banquete

Chegou no sábado a esta cidade, com o fim de assistir ao encerramento solene da Exposição Industrial e Agrícola Concelhia, S. Ex.^a o Snr. Ministro do Comércio. O snr. dr. Queiroz Vaz Guedes, que vinha acompanhado dos snrs. Pedro dos Santos, Administrador Geral interino dos Correios e Telegrafos, e Henrique Carvalho de Assunção, Inspector d'Obras Publicas, chegou em comboio especial pelas 16 horas. Na estação do caminho de ferro, aonde estavam as bandas regimental e dos Bombeiros Voluntários, foi S. Ex.^a muito aclamado pela numerosa multidão que ali acorreu.

Teve seguidamente lugar, nos Paços do Concelho, a sessão de boas-vindas, que esteve concorridíssima. O sr. dr. Alfredo Fernandes, presidente do Senado, que foi quem primeiro usou da palavra, saudou o Sr. Ministro do Comércio, agradecendo-lhe em nome da Cidade, a sua honrosa visita a Guimarães. Foi calorosa a oração do sr. dr. Alfredo Fernandes. E através dela se afirmou S. Ex.^a empenhado no engrandecimento da nossa terra porquanto esforçadamente apelou para o sr. Ministro afirmando que S. Ex.^a atendesse as justas aspirações e reclamações de Guimarães. — como sejam a instalação da rede telefónica, a construção dum edificio telegrafo-postal e a ligação eléctrica entre esta cidade e a de Braga.

Respondendo-lhe o sr. Ministro do Comércio, agradecendo a recepção, e prometendo, se for doradoura a sua permanencia no Governo, atender os pedidos formulados os quais, disse, eram justos e devidos a uma terra com a importancia industrial de Guimarães.

Foi muito saudado.

Realisou-se, seguidamente, a visita a Exposição Industrial e Agrícola Concelhia.

O sr. Ministro do Comércio percorreu atenta e interessadamente toda a Exposição. E teve, diante de quasi todos os stands, — palavras de admiração e que muito honram o esforço dos filhos desta querida Guimarães.

Procedendo-se ao encerramento do grandioso certamen, foi lida a respectiva depois do que o snr. Manuel Martins Barbosa de Oliveira, presidente da Associação Commercial, leu a seguinte allocução:

«Ex.^{mo} Snr. Ministro

A Associação Commercial e Industrial de Guimarães julgou conveniente e oportuno promo-

ver uma demonstração do estado progressivo das industrias deste poderoso concelho, e, para conseguir o seu intento, teve de buscar a protecção e auxilio de muitas pessoas que benevolmente a acolheram. De todas essas eu tenho de destacar V. Ex.^a que tão gentilmente recebeu a comissão que foi a Lisboa procurar a protecção official que julgou indispensavel para que a nossa «festa do trabalho» resultasse tão brilhante quanto possível.

Não poude V. Ex.^a por justos motivos honrar com a sua presença a abertura deste certamen; mas, sempre gentil para conosco, dignou-se vir assistir ao seu encerramento.

A Associação Commercial e Industrial de Guimarães incumbiu-me de agradecer a V. Ex.^a os obsequios recebidos — missão que eu venho desempenhar com prazer, lamentando ao mesmo tempo que tão pobre seja a minha palavra para condignamente cumprir este honroso mandato. Digne-se V. Ex.^a aceitar os mais calorosos agradecimentos desta corporação que tão gratas recordações guardará da honrosa presença de V. Ex.^a nesta festa.

V. Ex.^a conhece, bem sei, a historia industrial da cidade e concelho de Guimarães, no entanto permita que eu, em duas palavras, recorde que são conhecidas desde seculos as suas cutelarias, cortumes e tecidos de linho e que, já, em 1884, pela primeira exposição concelhia realizada em o nosso paiz, ficou bem marcado o lugar de distincção que ao nosso concelho cabia; agora, Ex.^{mo} Snr., os louros daquela vitória não murcharam, e V. Ex.^a pessoalmente avaliará se este povo adormeceu ou se merece os nossos louvores pelo valor do seu trabalho, das suas iniciativas e do seu verdadeiro patriotismo.»

Respondendo-lhe o sr. Ministro do Comercio, que, comovido com o soberbo espectáculo que a Exposição lhe oferecia, saudou a Associação Commercial e Industrial e todos os Expositores. Eles honraram-se e honraram o Paiz, — disse S. Ex.^a.

* * *

Realisou-se depois a visita a essa coisa ignobil a que em Guimarães se convencionou chamar Estação Telegrafo-Postal. O snr. Ministro do Comercio e o snr. Administrador Geral interino dos Correios e Telegrafos tiveram ocasião de cons-

tatar como aquilo é deprimente e vergonhoso para uma Cidade como a nossa. E, por isso mesmo prometeram que empregariam todos os esforços para que Guimarães, no mais curto prazo de tempo, tivesse um edificio Telegrafo-Postal capaz de corresponder á sua importancia commercial e industrial.

Teve mais tarde lugar, seriam dez horas, no edificio dos Paços do Concelho, o banquete que o Municipio ofereceu ao snr. Ministro do Comercio. A ele assistiram umas trinta pessoas vendo-se representadas distintas colectividades vimezanenses como Sociedade Martins Sarmento, Associação Commercial e Industrial, Bombeiros Voluntarios, Associação dos Empregados do Comercio, etc.

Ocupou o lugar de honra o snr. Ministro do Comercio, tendo á sua direita o snr. Governador Civil do Districto, e á esquerda, o snr. dr. Alfredo Fernandes, presidente do Senado; vis-á-vis ao sr. Ministro, estava o sr. Manuel Martins Barbosa de Oliveira, presidente da Associação Commercial e Industrial, tendo á sua direita o snr. Comandante Militar, tenente-coronel Blanc, e á esquerda, o sr. dr. Antonio Portas, vice-presidente da Câmara; José de Pina, representando o Reitor do Liceu e a Benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntarios; Capitão Luiz de Pina, P.^o Manuel de Freitas, Antonio Joaquim de Azevedo Machado, Coronel Gaspar Vilas, e João de Deus Pereira, representante da Imprensa do Porto.

* * *

Ao toast brindaram: o snr. dr. Alfredo Fernandes, presidente do Senado, que lembrou novamente ao sr. Ministro do Comercio as mais instantes necessidades de Guimarães como sejam tracção eléctrica, edificio próprio para os Correios e Telegrafos e ligação telefónica; o snr. Ministro do Comercio, agradecendo aquela manifestação e prometendo atender os justos pedidos que lhe eram feitos; o representante de «O Comercio de Guimarães», Antonio Joaquim de Azevedo Machado, «saudando ao sr. Ministro ali presente todas aquelas entidades que mais e melhor concorreram para a grandiosidade da Exposição industrial e Agrícola Concelhia de 1923; o snr. P.^o Manuel de Freitas Junior, representante do sr. Arcipreste do Julgado de Guimarães que, em nome do clero deste

Arciprestado saudou o sr. Presidente da Republica; seguiu-se no uso da palavra o illustre Coronel do Estado Maior e nosso devotado conterraneo o snr. Gaspar do Couto Vilas.

Sauda o snr. Ministro, que, pelas suas palavras e pelas suas promessas do que respeita a Guimarães, se mostrou um verdadeiro minhoto. E, proseguindo, diz: S. Ex.^a ficou conhecendo o Guimarães do Trabalho, e ouviu da boca do snr. Presidente da Câmara quaes as aspirações desse Guimarães. E' preciso consequentemente, que agora S. Ex.^a conheça o Guimarães historico e artistico. Para ele chama a atenção do sr. Ministro para poder, completando o pensamento do sr. Presidente da Câmara Municipal, apresentar-lhe um pedido em nome da Arte.

Guimarães é uma pagina viva e brilhante da Nacionalidade. Pagina que se desenrolará aos olhos de S. Ex.^a chegado ao alto da Penha. E cita os monumentos e logares de valor historico, que dali se avistam.

Entre outros referiu Sabroso, onde viveram altivos guerreiros de Viriato; o Castelo de Afonso Henriques; o Mosteiro de Mumadona. E' aqui, coberto pela Torre, que está em ruinas o formoso Tumulo do seu fundador, exemplar precioso da arte manuelina. Está ali sepultado com sua mulher, um ascendente da familia Pinheiro, (Vinhal, Pindela).

Merece restauo. Isto pede a S. Ex.^a, volve o snr. Coronel Vilas, em nome da Arte.

Indica ainda o illustrado official do Estado Maior que, da Penha se vê o caminho por onde Soult salvou, retirando, o Exército que Napoleão lhe confiara e que os portugueses perseguiram; victoriosos, até Victoria e Tolosa.

Disse por ultimo que S. Ex.^a o snr. Ministro, que tanto prendeu a si todos que o ouviram, merecia, atendendo, a gratidão deste Guimarães onde, como S. Ex.^a viu, o minhoto que trabalha nada se diferencia do não menos trabalhador minhoto intellectual, por tal forma caminhavam juntos, dentro do mesmo Ideal.

Voltou a falar o representante de «O Comercio de Guimarães», Antonio Joaquim de Azevedo Machado, que, dirigindo-se ao snr. Pedro dos Santos, Administrador Geral interino dos Correios e Telegrafos, ali presente, o saudou, lembrando-lhe a urgencia dum edificio proprio para a Estação

Telegrafo-Postal de Guimarães — «uma das mais velhas e justas aspirações dos vimaranenses».

Seguiram-se o snr. João de Deus Pereira, nosso presado colega do «Janeiro», que, em nome deste jornal, e do «Comercio do Porto» e «Jornal de Noticias» saudou o snr. Ministro do Comercio fazendo voto pela realização dos melhoramentos indicados a S. Ex.^a.

O snr. Antonio Almeida, presidente da Associação dos Empregados do Comercio, saudando o snr. Ministro e formulando os mesmos votos; e, novamente o snr. Ministro do Comercio que uma vez mais afirmou que tudo faria para que Guimarães tivesse aquilo que reclamava e que tão justamente lhe pertencia. Estava terminado o banquete.

No dia seguinte, sabado, o snr. Ministro do Comercio visitou o Castelo, a Igreja da Colegiada, os Bombeiros Voluntarios a Sociedade Martins Sarmento e a Penha.

Pela 1 hora da tarde visitou Vizela almoçando em casa do Ex.^{mo} Snr. Dr. Antonio Portas. Esteve tambem nas Caldas das Taipas, retirando por fim para os Arcos de Val-de-Vez.

Do nosso presado colega «A Lanterna», de Lisboa, transcrevemos, com a devida vénia o artigo seguinte:

Um apêlo aos republicanos

Do importante diário Paris «Quotidien», transcrevemos a seguinte declaração que parece feita para Portugal, e merece ser meditada

O Conselho da Ordem do Grande Oriente de França, reunido em sessão plenaria, decidiu, por unanimidade, dirigir á opinião publica republicana o seguinte apêlo:

O Grande Oriente de França, profundamente indignado com os numerosos actos de natureza a perturbar perigosamente a ordem publica ou a viciar a applicação das leis, declara-se formalmente decidido a assegurar a continuidade do progresso humano, intimamente ligada ao exercicio integral, sobre todo o territorio, de todas as liberdades

Exposição Industrial de Guimarães

(CONTINUAÇÃO)

Secção K K

Indústrias caseiras

Stand organizado pela Ex.^{ma} Direcção da Sociedade Martins Sarmento. Idealizado por Alberto Braga e disposto por Duarte Fraga.

—Campina de tons esbaldados onde, como que envergonhada, se ergue uma rústica vivenda de cavadores, tal o isolamento que a cinge, tal a espessura do arvoredo que a envolve...

Esboço de penumbras. Córvida nos montes longínquos. Silêncio profundo como em hora de religioso recolhimento, aragem que nem sequer faz vacilar uma folha, serenidade em tudo comparavel a da lua de Delos! Ambiente de olór tenuíssimo, im-res-ão vívida da beleza incomparavel deste rincão minhoto.

A noite caíndo, quasi que a medo, escurecendo o céu ha pouco incandescente ainda torna embaciada a claridade e deixa sobrasair uma luz trémula que se vem projectar no eido, onde repousam, cançadas, a charrua e a grade — cançadas de rasgar o ventre abençoado e fértil da terra.

Na varanda perfumada pela alfadega e mangerico, roupa branqueada ali puzeram, para, com o orvalho da noite, e o sol d'amanhã, ficar de todo branca, ou melhor, ficar corada.

Qual o regato onde foi batida e ensaboada?!

Tão longe éle está, que, apesar do enorme silencio, não se ouve o seu cantar as suas monodias...

E enquanto pensavamos nisto, num rompante, cara amiga surge á porta, surpreendendo-nos na visita. Com a habitual franqueza rude, aquêle rosto repleto de perigalhos esboça uma indefinivel alegria, arredando para longe todas as más suposições, ou a ferradura pregada na porta não fo-se pronuncio de completa felicidade e ventura.

Convida-nos a entrar, e tam á vontade nos ceca que quasi nos fomos esquecendo do *protocolo*, se não fóra o asseio que se nos deparou.

E assim, depois de nos termos descoberto e de limparmos, no *tapete-soleira*, os resíduos que engrossavam as solas dos nossos sapatos, numa atitude cavalheiresca, entramos.

Alumiados por uma humilde candeia, no dizer dum poeta illustre, lá fomos investigando tudo, como que esquecidos do resto dos stands.

Aqui, á direita, a lareira com os seus brazidos sanguíneos; acclá, mais ao fundo, o tipico fórnio onde, no dizer de outro poeta illustre, se imolam, para nos salvar, cinzas brancas de «Trigo! corpo de Deus».

A' esquerda, as escadas que dão acesso ao primeiro e ultimo andar e um compartimento onde reside o ganha-pão da velinha, nossa cicerone: o tear, a dobadura e a roca.

—Chega até nós frescura de branco linho. Olhamo-nos, e num gesto precisamente igual, quasi intuitivamente, dirigimo-nos para a escada. Este gesto impressionou a boa da velhota, e espantadinha de todo, interrogou-nos: *quequerem da?!*

Explicamos-lhe a causa de toda esta scena muda, e depois das risadas sinceras que á vontade rimos, lá *grimpamos* — candeia á frente — o estreito escadório.

Em cima uma gradesitas servem de cabide, e é tal o amontoado de coisas lá suspensas, que nunca imaginamos descobrir um quarto de noivado (embora tivesse já passado sobre éle longos anos!...) com as paredes salpicadas de fotografias de santos — o atestado valioso das romarias a que assistiram.

Cama de alvura irrepreensivel, frêscas como os lençois de linho que a manta encobre. Uma caixa, arca-tesouro, onde se guardam as roupas domingueiras, os pintos ganhos com o suor do rosto e os cordões tantas vezes cubiçados pelos *larápios*.

Receosa de nós outros, quando pretendiamos erguer a tampa, um raio que mais parecia carinho, sóa: *ai n'um se meche...*

Voltamos á primeira forma, envergonhadamente descemos, aspirando mendigamente o cheiro que julgavamos ser do frígido da sertão, cubiçando o fumeiro que se não via, mas que estava simbolizado naquela bexiga negra, tostada pelo calor e pelo fumo.

Transpuzemos de novo os umbrais da porta por onde tinhamos entrado, e já de volta ao eido, o reflexo da candeia que não engilhada erguia bem ao alto, ao cimo da cabeça, deixa vér as silhuetas da enseada, do engajo, do milho, do forçado, etc., etc., que a um canto repousavam tambem das fadigas quotidianas.

Fizemos as nossas despedidas, e só depois de nos encontrarmos no corredor, é que a impressão tida até ali se desvaneceu, tanta luz jorrava das lampadas, tanta gente satisfazia os desejos dos seus olhos e do seu interesse—quem sabe?!

Secção H

Pentes e fabrico de celuloide

Stand que podemos considerar bom, não só pelo fabrico apresentado mas tambem pelo enorme desenvolvimento que tem tomado no nosso concelho. A industria nova do fabrico de celuloide merece especial men-

ção, pois jámais será preciso irmo-nos recorrer do celuloide estrangeiro para fabricar artigos que d'hoje para o futuro, devem ser exclusivamente nossos.

As firmas Costa Ladeira & C.^a; Silva, Guimarães & C.^a e Machado & Pinto, Succesores, devem orgulhar-se, pois souberam impôr-se pela maneira como apresentaram os seus stands, bem como os seus artigos.

Tudo o que se diga a respeito dos pentes de chifre, de celuloide ou de galalite, pouco é comparado com a beleza e perfeito acabamento que souberam dar ao artigo.

E já que nos encontramos na secção de pentes, cumpramos falar de Antonio Gonçalves Coelho, expositor serralheiro e que merece especisis referencias. Se dêle não falamos na devida altura, é porque tinhamos cá umas duvidas, duvidas que bem rapidamente desapareceram. Queremo-nos referir a *uma maquina de serrar pentes*, com disparador automático. Achavamos arrojo, mas agora convencidos estamos de que Antonio Gonçalves Coelho é capaz de o fazer, porque vimos-lo fazer a mesma maquina — *embora in mente*.

Conferimos e convencemo-nos de que realmente assim era. E para que se não julgue abrangido pela frase — *só se sabem fazer cosinhas* — devemos-lhe lembrar que foi o primeiro expositor inscrito, que apresenta, que se vejam, outros artigos tais como: cofres e fundição, etc.

Continua.

P. S. — No nosso ultimo numero saiu uma gralha que os nossos leitores decerto desculparão: desqualificado em vez de desclassificado.

Estabelecimento de Fazendas Brancas e Mudezas
DE
Matos, Teixeira & C.^a
88 — Praça de D. Afonso Henriques — 88
GUIMARÃES

des garantias pelas leis republicanas e laicas.

Afirma, que na Republica nenhuma autoridade poderá, sem praticar um crime entrar a livre applicação destas leis, sobretudo collocando-se amagistratura ao serviço dos interesses e das combinações dos governos e dos partidos.

Protesta, contra os enormes atentados contra a liberdade individual dos funcionarios de todas as classes, contra as sanções injustificadas de que são objecto todos os reus que são denunciados como tendo manifestado os seus sentimentos republicanos, contra a impunidade e os favores escandalosos em beneficio daqueles que são abertamente os auxiliares dos inimigos da Republica.

Denuncia a hipocrisia daqueles que dizendo-se republicanos fingindo indignar-se contra os atentados a esta união sagrada, de que os partidos da reacção procuraram aproveitar, mas que nunca observaram, e ao abrigo da qual veem preparando a destruição do regime democratico.

Protesta contra todas as medidas pelo governo para paralisar a applicação das leis laicas, com o fim de dar garantias á Igreja romana. Sabe bem, contudo, este governo, que o seu chefe internacional, o Papa, não protestou perante a aggressão da Alemanha contra a Belgica e França, e que esta Igreja proceura, por todos os meios estabelecer hoje o seu poder sobre a direcção dos negocios publicos do nosso paiz. A introdução dos padres nas escolas publicas para fiscalisar o ensino dado pelo Estado, as ameaças diarias dirigidas aos professores que não se submetam á disciplina da Igreja, o decreto escandaloso que sobre o pretexto de reforma dos estudos secundarios, não visa, senão a impedir o acesso ao ensino superior e ás carreiras liberais dos filhos do povo, e outras provas, entre tantas, que os republicanos mais moderados não podem tolerar!

Reprova um sistema de governo que, assegurando a impunidade aos multiplos crimes dos incapazes e dos açambarcadores reserva os rigores da lei para as suas victimas e tolera as influencias da oligarquia financeira, em monopresão da mais elemental justiça e das manifestações da opinião publica.

Protesta enfim contra a fraqueza dos governantes com relação a um grupo de agitadores onde as violencias e as conspirações confessadas contra as instituições ameaçam as liberdades com tanto sacrificio adquiridas.

Por isso o «Grande Oriente de França» afirma que todos os cidadãos tem o imperioso dever de exigir energicamente o respeito absoluto das principios que formam a base do regimen republicano e asseguraram a sua continuidade.

O Grande Oriente de França.

SHELL
Gasolina
Petroleo
e Oleos

Officina de vassouras e escovas de piassaba e espanadores de cabelo
Clementino Machado
Medelo — F A F E
Concerta só as vassouras fabricadas nesta officina

Sapataria Elegante
DE
Artur de Oliveira Sequeira
Sorrido completo de calçado para homem, senhora e criança
Largo do Prior do Crato, 46 — Guimarães

FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES
— DE —
Antuocel Jesus de Souza
17. Praça D. Afonso Henriques, 20
GRANDE STOK DE ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.

Productos
SHELL
Os melhores

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidrarria, cristais e louças. Tinta, ollos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfataria Progresso da Moda

- DE -

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 -- 97
GUIMARÃES



CASA DAS NOVIDADES

Largo da Feira do Leite --- **GUIMARAES**

Papelaria, tabacaria, perfumarias e mindesas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 folhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

Casa Penhorista Vimaranesa

Fundada em 1886

Propriedade de **PEIXOTO, ROCHA & C.**

Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da Republica, 144 --- **GUIMARAES**

GUARDASOLARIA VIMARANENSE

DE-

Martins, Faria & C.ª, L.ª

51, Largo do Prior do Crato, 54 --- (Junto ás escadinhas)

Deposito de guardasois e chapetus. Concertam-se os mesmos

Vendas por junto e a retalho

Ferragens, Cutelarias e Pentas

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas
LANIFICIOS

Antiga Mercaria e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 --- **GUIMARAES**

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

- DE -

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, velos, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO,"

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre . . . 5000 centavos

Anuncios e comunicados, contracto

Numero avulso . . . 320

especial

Ao Cidadão